

Rui Tavares

O PEQUENO LIVRO DO GRANDE TERRAMOTO



ENSAIO SOBRE 1755

L I S B O A :
TINTA-DA-CHINA
M M V

SUMÁRIO

UM 11

«Dias que mudam o mundo» e outras catástrofes naturais e humanas • Roma, Lisboa, Nova Iorque • Desastres e circunstâncias na aldeia global

DOIS 29

E se não houvesse Terramoto? Contra factos há argumentos • Percursos numa Lisboa imaginária e numa história sem Pombal

TRÊS 51

1755: o que há num número • Pequena história de um ano trivial • Tempo cíclico de uma cidade sob protecção divina

QUATRO 71

Sismo, *tsunami* e incêndios • Os elementos contra Lisboa • O dia da tripla catástrofe • Primeiros relatos

CINCO 91

Rescaldo e reconstrução • António Pereira de Figueiredo e o nascimento do pombalismo

SEIS 105

Histórias de sobreviventes • A fuga para os campos • Thomas Chase, um lisboeta

SETE 121

Planos para o futuro • As cinco lisboas possíveis de Manuel da Maia • Cidades de papel

© 2005, Rui Tavares e Edições Tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 33, 7.º B
1500-627 Lisboa
Tél: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: tintadachina@netcabo.pt

Título: *O Pequeno Livro do Grande Terramoto*
Autor: Rui Tavares
Revisão: Tinta-da-china
Capa e mapas: Vera Tavares

1.ª edição: Outubro 2005
ISBN 972-8955-01-4
Depósito Legal n.º 000000/05

OITO 135

O que nos aconteceu? : 1772: um censor entrega o seu relatório : 1759: a primeira morte de Gabriele Malagrida

NOVE 151

Ondas de choque na República das Letras : Voltaire contra Leibniz e Pope : Rousseau contra Voltaire : O mundo contra Cândido

DEZ 167

Católicos e outros hereges : Como sobreviver a um auto-de-fé da Inquisição portuguesa : Lisboa estava a pedi-las : Avisos de Deus amplificadas por John Wesley

ONZE 177

Imagens e narrações : A sedimentação do Grande Terramoto : Folclorização e sensibilidades românticas

DOZE 191

Três terremotos imaginários : Memória histórica e memória colectiva : Significados de 1755

NOTAS 211

SELECÇÃO BIBLIOGRÁFICA 214

LISTA DE ILUSTRAÇÕES 215

ÍNDICE ONOMÁSTICO 217

Aos meus pais, Armando e Lucília

À minha Chris

UM

«Dias que mudam o mundo» e outras catástrofes naturais e humanas : Roma, Lisboa, Nova Iorque : Desastres e circunstâncias na aldeia global



A 11 DE SETEMBRO DE 2001 E NOS DIAS SEGUINTEs, ainda sob o efeito do ataque às Torres Gémeas de Nova Iorque, os jornais, as rádios, as televisões e a internet anunciaram de forma quase uníssona que o mundo havia mudado naquele dia. Poucas pessoas terão discordado — e certamente que não foi por passividade em relação ao que lhes era dito. Ninguém desconhece que os meios de comunicação profissionais têm por hábito decretar esse tipo de momentos históricos: por cada ano que passa as revistas descobrem vários «casamentos da década»; «julgamentos do século» há vários em cada década e «o melhor autor da sua geração» costuma chegar em pacotes de meia dúzia de nomes no início da temporada literária. Naquele dia, porém, até o observador mais desconfiado ou o leitor mais imunizado contra esses exageros pôde atestar por si mesmo uma súbita mudança da realidade, distribuída por inúmeros sinais inesperados — os rostos dos vizinhos, as reacções de colegas de trabalho ou as conversas com estranhos, entre muitos outros pormenores.

Se possuímos ainda hoje uma memória sólida do lugar onde nos encontrávamos quando se soube do ataque, daquilo que então sentimos e restantes circunstâncias pessoais é porque, no fundo, já sabíamos que o mundo tinha mudado ainda antes de os *media* no-lo dizerem. Sabíamo-lo por experimentarmos aquilo que des-

creverei como uma impressão de irrealidade: o solo que se pisava parecia diferente e no dia seguinte, ao acordar, muita gente se terá perguntado se tudo aquilo tinha realmente acontecido.

O mundo poderá ou não ter efectivamente mudado naquele dia; mas se não o fez, pareceu pelo menos imitá-lo com grande verosimilhança.

O *tsunami* de origem sísmica que arrasou, no dia 26 de Dezembro de 2004, grande parte da costa do Índico ocorreu assim já em plena era histórica inaugurada pelo 11 de Setembro. E se em 2001 nos perguntávamos, mesmo a milhares de quilómetros do local dos ataques, sobre o grau de previsibilidade do futuro a partir daquele ponto, a verdade é que a realidade encetada com os ataques de Nova Iorque se manteve fiel à sua inquietante promessa: o grau de previsibilidade do *tsunami* de 2004 foi extremamente baixo.

O ataque de Nova Iorque foi pensado pela mente humana; o *tsunami* do Índico teve causas naturais. É essencial assinalar com nitidez esta demarcação entre os dois acontecimentos antes de prosseguir: o *tsunami* não foi imprevisível em obediência à nova textura da realidade; para nós sismos e *tsunamis* sempre foram imprevisíveis. Como é evidente, pode ser dito com máxima confiança que a relação de causalidade entre os dois acontecimentos é nula, ou seja, que com certeza o *tsunami* teria ocorrido mesmo que os aviões de passageiros não tivessem no derradeiro momento chocado contra os seus alvos. Pode dizer-se: é apenas a nossa visão do mundo que nos faz pensá-lo como imprevisível; na verdade ele é tão imprevisível como sempre foi. Mas esta objecção falha um aspecto fundamental do ponto de vista humano: o mundo que vemos é o mundo que temos. Pois se ambos os acontecimentos são radicalmente distintos entre si, há algo que os une para lá dessas diferenças — foram as mesmas gerações que os viveram, numa escala planetária, de forma globalmente muito semelhante. A resposta, o enquadramento, o panorama mental em que ocorreu o *tsunami* do Índico é já o do pós-11 de Setembro.

O mundo que assistiu ao segundo acontecimento é, em suma, aquele que havia sido mudado pelo primeiro. De que outra forma se poderiam entender as referências feitas, nos meses que se seguiram à segunda catástrofe, à diversidade religiosa, étnica ou de classe das vítimas do *tsunami* — ou seja, ao tipo de diferenças tornadas relevantes pelo mundo do 11 de Setembro? Ao afirmar-se repetidamente que o *tsunami* matou «democraticamente», sem olhar a religiões, nacionalidades e classes, criou-se um lugar-comum que não foi mais do que uma resposta a outro lugar-comum que ganhou expressão com o ataque a Nova Iorque, e que pressupõe distinções irreduzíveis entre aquelas categorias. Não por acaso, sabíamos que a ênfase recaía sobre a palavra «religiões». As religiões ocupam um lugar central na grelha de leitura pós-11 de Setembro e, em consequência, na grelha de leitura que estava em vigência a 26 de Dezembro de 2001. Noutra década, a ênfase recairia com mais facilidade sobre «classes»; noutra século, sobre «nacionalidades».

Estes dois acontecimentos dos últimos anos forçaram a humanidade a uma reflexão sobre a textura da história, a identificação do bem e do mal ou as relações entre cultura, religião e realidade. Essa reflexão, aparentemente típica de filósofos, historiadores ou teólogos, foi feita em conjunto, por efeito do processo a que vulgarmente se chama globalização; poucas pessoas lhe terão escapado. A grelha de leitura não é criada por especialistas, para consumo da restante população mundial; são todas as pessoas expostas, mediata ou imediatamente, ao acontecimento, que criam o seu enquadramento cultural.

As questões listadas acima ocorrem sob várias declinações e com reverberações diferentes no contexto do Grande Terramoto; encontrá-las-emos por diversas vezes no decurso deste livro. Consideremos a questão da textura da história. Se o mundo muda assim de tal forma através de acontecimentos como estes, mesmo